

Carrington da Costa: Ciências Sociais e Formação de Professores

Guilherme Rego da Silva

A nossa abordagem ao itinerário pedagógico do Dr. Carrington da Costa, estrutura-se em torno do tema "Ciências Sociais e Formação de Professores", uma vez que é nosso propósito analisar não só o posicionamento que assumiu o Dr. Carrington perante a temática da formação de professores, como também, o próprio curso de formação universitária de professores que ele frequentou em Coimbra ¹, numa época em que o contexto pedagógico da formação permitiu o contacto com as Ciências Sociais. Assim, é também nosso propósito elaborar algumas reflexões em torno do significado que a componente social das ciências da educação desempenhou na construção do seu pensamento pedagógico.

Chegamos a este estudo, por via de um outro trabalho que estamos a realizar, sobre a evolução do papel das Ciências Sociais na formação de professores no nosso país, mais especificamente orientado para o estudo da área disciplinar de "Administração Educacional"².

O estudo que aqui iremos desenvolver, será estruturado em duas áreas temáticas: Numa primeira fase, tentaremos elaborar uma reflexão em torno

do pensamento de Carrington da Costa, numa perspectiva comparativa, face ao contexto cultural em que ele se inseriu, e seguidamente, apresentaremos os resultados da nossa leitura pessoal de alguns dos seus trabalhos.

Nesta primeira parte, que se deseja dedicada ao estudo do contexto cultural do autor, pretendemos desde já, dar o nosso contributo para responder à questão que desde início mais profundamente nos surpreendeu; e para lhe responder, iremos avançar com algumas explicações provavelmente provisórias e parciais, mas pensamos que sustentadas em dados significativos.

E a questão é pois a seguinte: *Como se explica a formação da biblioteca do Dr. Carrington da Costa, que é expressão dos seus interesses nas Ciências da Educação, marcados por um profundo universalismo, constante actualização, experimentalismo científico, e quase poderíamos dizer, verdadeiro enciclopedismo iluminista?*

Esta interrogação torna-se ainda mais pertinente, quando se constata que o processo de constituição da sua biblioteca de Psicologia e Pedagogia, ocorreu durante a fase mais carregada da ideologia do Estado Novo, a qual, como sabemos, se caracterizou na teoria e na prática educativa, pelo seu minimalismo, orientação nacionalista, aversão às ideias do estrangeiro, e desactualização intencionada; porque constantemente orientada para uma prática formalista e para uma teoria de feição medieval, ancorada numa filosofia de sabor escolástico e marcadamente normativista. Carrington da Costa, viveu pois a segunda metade da sua vida num contexto cultural e político muito pouco favorável à implementação do seu modo de conceber e praticar as Ciências da Educação.

A surpresa que resulta do contraste entre o pensamento e a obra do autor, face às concepções ideológicas dominantes na sua época, torna-se mais significativa quando consideramos a presença nesta biblioteca, de obras ligadas às áreas disciplinares da Sociologia Geral, Sociologia da Educação, Teoria Organizacional e Administrativa, Teoria do Trabalho, e Antropologia Cultural. Tudo áreas das Ciências Sociais às quais o Estado Novo foi indiferente, ou mais propriamente, adverso, e que estavam banidas dos currículos da formação de professores, e expurgadas das reflexões pedagó-

gicas dos teóricos oficiais ou “oficiosos” da época, contexto em que a única disciplina das Ciências Sociais que sobreviveu foi a História, mas depois de devidamente “nacionalizada”, ou melhor dizendo, impregnada pela ideologia nacionalista (e afastada de pretensões sociológicas), embora com custos políticos latentes, e evidentes na eclosão dos movimentos culturais oposicionistas.

E assim chegamos à constatação da existência de uma certa dicotomia marcando conceptualmente duas posições distintas e que tiveram também expressão no meio cultural bracarense: de um lado um pensamento mais conotado com o espírito dominante na época, inspirado numa “pedagogia nacional”, assente num “nacionalismo educativo” associado a uma atitude de certa recusa perante os estudos experimentalistas, e do outro a posição aqui representada pelo Dr. Carrington, caracterizada por um espírito moderno de investigação e abertura às novas ideias. Para uma melhor compreensão do contexto em que viveu o Dr. Carrington e sensibilização para as diferenças entre estas duas posições, tem interesse e pertinência a leitura dos trabalhos que foram publicados pelo professor Rafael de Barros Soeiro, à época docente da Escola do Magistério Primário de Braga. Este professor que teve manifestações de apreço pelo perfil pedagógico do Dr. Carrington, numa das suas obras dedicadas a antigas figuras públicas da cidade de Braga, refere-se-lhe nos seguintes termos, não se escusando mesmo de utilizar a prosa apologética:

“[...] figura de intelectual que, desde a sua nomeação para professor do Liceu Sá de Miranda, aqui permaneceu até à morte, enriquecendo o património mental da velha cidade de Braga, com as primícias do seu talento de educador nato, de investigador no campo da psicologia experimental e da sua acção pedagógica em prol dos estudantes para quem era um ídolo e um guia, tais os dotes de afectuosidade e de candura, em que a sua alma se desdobrava. Citado no país e no estrangeiro, pelos numerosos trabalhos de investigação pedagógica, era em Braga que todos nós o conhecíamos – figura imponente pela sua compleição física, sempre preso a uma pasta volumosa e rodeado de adolescentes que para ele acorriam para o ouvir e aclamar.

A sua biblioteca particular era, ao tempo, o recheio mais completo em

bibliografia pedagógica, indo parar à Biblioteca Pública por deferência dos seus ilustres filhos”³.

Não obstante estas demonstrações públicas de apreço, analisaremos aqui alguns aspectos que podem indiciar possíveis divergências de pontos de vista e diferenças de posicionamento, referentes a questões gerais da temática educativa que não parecem ter conseguido a plena sintonia de ambos. Referimo-nos designadamente à questão da abertura às ideias e teorias pedagógicas estrangeiras e à forma de encarar os estudos experimentais, nomeadamente na Psicologia. Relativamente à primeira destas duas questões, o prof. Soeiro embora de modo algum rejeitando o acompanhamento da produção teórica do estrangeiro, defendia no entanto, o primado da “Pedagogia Nacional”, estruturada em torno dos valores, das tradições, e da realidade nacional, tal como se comprova pela leitura do seguinte texto, extraído daquele que pode ser considerado como tendo sido o seu trabalho de mais nítida definição ideológica, (ou doutrinária, utilizando os conceitos da época):

“Hoje, mais do que nunca, há necessidade de continuar a nossa posição nas coisas do ensino, tal como se encontra legalmente definida, estudando-se os problemas pedagógicos, dentro das realidades nacionais. Levados, infelizmente, por terrível xenomania que nos conduz a deformar o valor das nossas possibilidades, muitos de nós têm-se perdido a estudar, com afã, técnicas estranhas, deliciando o espírito com arrevesadas nomenclaturas que dão razão ainda, passados quase quatro séculos, ao poeta Simão Machado, que dizia já lamentava o pendor lusíada para a admiração do alheio”⁴.

E continua, acrescentando que, se não devemos de todo ignorar os sistemas modernos e as ideias oriundas do estrangeiro, “[...] não só para universalizar o nosso espírito, mas até para fazermos pedagogia comparada e aproveitarmos, segundo um critério eclético, o que mais convém a portugueses”⁵, também não devemos esquecer as raízes da pedagogia nacional porque:

“[...] urge também que saibamos que Portugal tem tradições pedagógicas e didáticas, cimentadas na psicologia e idiossincracia lusitanas e informadas por uma filosofia tomista, que assenta na educação

integral do homem, unidade hipostática de corpo e alma; que temos condições admiráveis para architectar uma didáctica para portugueses”⁶.

E assim, enquanto este autor ia architectando e procurando fundamentar as raízes dessa pedagogia para portugueses, o Dr. Carrington continuava o seu labor de pesquisa e de estudo das novas ideias, com base numa total abertura ao conhecimento produzido no estrangeiro, tal como deixa bem nítido nos seus trabalhos e na biblioteca de pendor internacionalista e enciclopedista que ia constituindo⁷. Outra das questões que parece ter sido pouco consensual diz respeito ao âmbito da experimentação psicológica, tal como parece evidenciar o seguinte texto do prof. Soeiro no momento em que este referindo-se às experiências de Pavlov se mostra contrário à aplicação dessas teorias e de suas correlativas experiências ao universo infantil, afirmando:

“Se com os animais que não aprendem, mas se adestram, tal teoria é aplicável, repugna à luz da ética cristã, e até dos dados da ciência, realizá-la na criança, ser inteligente, dinâmico, racional, que actua conscientemente e não é produto do jogo misterioso das forças exteriores. É teoria que não perfilhamos”⁸.

Face a estas posições, coloca-se o universalismo pedagógico do Dr. Carrington da Costa, aliado ao seu experimentalismo científico, ambos na linha de um certo “enciclopedismo”, que pensamos poder considerar herdeiro da pedagogia republicana. E é assim que seguidamente iremos tentar desenvolver a ideia de que este espírito de universalismo pedagógico e de experimentalismo científico ambos muito marcantes no itinerário pedagógico do Dr. Carrington da Costa, poderão resultar em parte da influência que sobre ele terá exercido o espírito pedagógico da Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra (ENSUC), que funcionou efectivamente entre 1915 e 1930⁹. Esta escola foi um dos principais centros portugueses de irradiação das ideias da Escola Nova, no período em que se deu a coincidência entre o espírito de abertura e inovação do republicanismo e a emergência das novas ideias que fizeram dos anos vinte, nas palavras de António Nóvoa, os “anos loucos da pedagogia”¹⁰. A apoiar esta “intuição”, está o facto de Rui Carrington Simões da Costa, ter frequentado a ENSUC no Curso do 9.º Grupo, de Desenho, tendo

no ano lectivo de 1929-1930, concluído o primeiro ano (ano exclusivamente dedicado ao estudo das Ciências da Educação), com a mais elevada classificação da escola, 16 valores ¹¹. Este Curso compunha-se de três anos de ensino da especialidade, ministrados nas faculdade de letras ou de ciências, mais um ano de formação pedagógica, frequentado na Escola Normal Superior e exclusivamente destinado à aprendizagem das Ciências da Educação, e mais um ano dedicado à “iniciação à prática pedagógica”, próximo do que hoje chamaríamos estágio; essa prática era realizada nos Liceus, nas Escolas Normais Primárias ou nas Escolas Primárias Superiores, consoante o curso de habilitação ao magistério a que pertencia o candidato. Os cinco anos de curso eram concluídos com a realização de exame de estado. Carrington frequentou o nono grupo da secção de Ciências, (grupo de desenho), para habilitação ao magistério liceal. E frequentou a escola no final da existência da mesma, a que ele assistiu, o que veio a acontecer após várias tentativas, por Decreto de 16 de Outubro de 1930, que obrigou à suspensão de novas matrículas. Nesse mesmo ano de 1930, Carrington da Costa publicou na revista *Arquivo Pedagógico*, um trabalho intitulado “Método Heurístico” ¹², o que se torna um dado interessante já que significa uma publicação no órgão oficial da escola, quando tinha ainda o estatuto de aluno.

João Evangelista Loureiro, figura muito ligada à fundação dos cursos de formação de professores das Universidades Novas, teceu o seguinte comentário sobre o encerramento das Escolas Normais Superiores, numa Conferência que pronunciou em 1985, na Universidade de Aveiro, subordinada ao tema, “Ensino Superior e Formação de Professores”:

“Três-quatro anos bastaram para que o novo regime [refere-se ao “Governo da Ditadura”, saído do 28 de Maio de 1926], se desse conta de que as Escolas Normais Superiores Universitárias [...] se haviam constituído em Centros de pensamento pedagógico livre e progressista, congregando os nomes mais importantes da pedagogia liberal portuguesa. Seria auto-suicidar-se não lhes «acudir»... Concluiu-se que o mais simples era encerrá-las, curando assim o mal pela raiz. O grande golpe nas instituições de formação de professores do ensino secundário, para isso vocacionadas, foi dado pelo Decreto-Lei n.º 18973, de 16 de Outubro de 1930, que extingue as Escolas Normais

Superiores universitárias, retirando assim às universidades o papel que vinham desempenhando, através dessas escolas, na formação inicial profissionalizante de professores do ensino secundário”¹³.

Com base nos dados já apresentados, acreditamos ser mesmo possível traçar um certo paralelismo entre a biblioteca constituída por essa escola, referindo-nos aos livros adquiridos durante o período em que esta funcionou, e a biblioteca pessoal do Dr. Carrington da Costa. Conseguimos obter uma listagem dos livros e revistas adquiridos pela Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra para constituir a sua biblioteca¹⁴, a partir de Joaquim Ferreira Gomes, (na monografia que dedica à Escola a que nos referimos), onde também ficamos a saber que na constituição dessa biblioteca foi preponderante a acção do Dr. Barbosa Tamagnini¹⁵, nas suas funções de responsável pela biblioteca durante todo o tempo de existência da escola, acumulando essas funções com as de director, a partir de 1925. Joaquim Ferreira Gomes aponta também os dados pertinentes para demonstrar o interesse que o Dr. Barbosa Tamagnini teve sempre pela actualização da biblioteca, mantendo contactos directos com livrarias, editoras e universidades de vários países entre os quais, a França, Inglaterra, Alemanha, Itália e EUA; para a aquisição dos livros e revistas sempre actualizados. A este propósito deve recordar-se que funcionando a ENSUC de 1915 a 1930, torna-se mais compreensível o seu cosmopolitismo, com expressão nos seus livros oriundos dos EUA e dos países mais avançados da Europa, já que coincide com o período anterior ao estabelecimento do Estado Novo. Este cosmopolitismo nas áreas referentes à Sociologia e Administração do Ensino compreende-se também se atendermos a que este foi o período de primeira afirmação da Sociologia em Portugal, e na ENSUC eram leccionadas as disciplinas de “Organização e legislação comparada do ensino primário” e “Organização e legislação comparada do ensino secundário”, que por motivos já explicados, estudamos particularmente e nos servirão de modelos para uma tentativa de caracterização do “ambiente cultural” da escola. A personalidade destas disciplinas, foi estudada com alguma atenção através dos trabalhos publicados na revista “Arquivo Pedagógico – (Boletim da Escola Normal Superior de Coimbra)”, por um professor da mesma, o Dr. Henrique Teixeira Bastos. Estes trabalhos identificam a sua perspectiva de análise das

temáticas da Administração Educacional, e terão certamente marcado a sua actividade docente, sendo particularmente úteis para a compreensão das perspectivas teóricas em que eram abordadas as temáticas da Administração Educacional na Escola Normal Superior de Coimbra. Essas perspectivas caracterizavam-se por um estudo baseado num espírito de educação comparada, apoiado numa metodologia de investigação de legislação ou direito comparado, com o objectivo de fazer ressaltar os variados modelos de ensino nos países considerados como mais avançados, e que surgiam como paradigmáticos para a compreensão das problemáticas que interessavam o investigador. No final desses estudos o autor comparava a situação portuguesa com a dos países onde existiam os sistemas considerados modelares e apontavam-se soluções para a implementação ou adaptação desses modelos à situação concreta do nosso país. Na perspectiva de Henrique Teixeira Bastos, não se pretendia a cópia de um dos modelos mas o acompanhamento e estudo de determinadas tendências que se evidenciavam na evolução pedagógica e administrativa do ensino no exterior. É por estes motivos que, quase sempre, ia defendendo a via para uma maior descentralização, maior autonomia das escolas e criação de modelos de participação dos agentes educativos na administração do ensino e das escolas. A modernidade de algumas destas perspectivas e temáticas, em especial se comparadas com a pobreza epistemológica e de problematização que caracterizou todo o sistema de formação de professores no Estado Novo, que neste sentido se constituiu como verdadeiramente regressivo, pode compreender-se melhor quando nos apercebemos como a Escola Superior Normal valorizou a constituição e permanente actualização da sua biblioteca (logo, do seu pessoal docente e discente), acompanhando o que de mais recente se publicava nos países mais avançados do mundo, tendo constituído um vasto espólio bibliográfico em todas as áreas da temática pedagógica e também na área da Administração Educacional. A perspectiva comparativa e esta abertura às ideias do estrangeiro, que aqui exemplificamos pelos trabalhos de H. Teixeira Bastos, não terão deixado de exercer influência na constituição da perspectiva própria de Carrington da Costa.

Cotejando as duas bibliotecas no tocante às obras das áreas de Sociologia (e Sociologia da Educação), Administração Educacional e Teoria do Trabalho,

notamos que nas áreas sociológicas a biblioteca do Dr. Carrington é em termos globais muito mais rica que a da Escola Superior Normal da Universidade de Coimbra quer em quantidade quer em diversidade, o que é perfeitamente “natural” porque pôde crescer e acrescentar muitos livros no período de 1930 a 1964. Na sua biblioteca podemos evidenciar as seguintes áreas temáticas, relativamente ao total das áreas sociológica e administrativa, com a seguinte expressão em número de livros e percentagem: ¹⁶

Área Temática	N.º de Livros	%
Sociologia Geral	89	31%
Teorias Organizacionais e Administrativas	66	23%
Sociologia da Educação	46	16%
Administração Educaional	40	14%
Teoria do Trabalho	31	11%
Antropologia	14	5%

Perfaz-se assim um total de 286 livros referentes a estas áreas, sendo que a esmagadora maioria destes livros são edições estrangeiras.

Como a nossa ideia inicial era a de comparar as duas bibliotecas e tentar perceber até que ponto a do Dr. Carrington podia estar influenciada pela selecção de livros da biblioteca da ENSUC, seguidamente contabilizamos nesta última um total de 26 livros com interesse para as temáticas sociológica e administrativa, dos quais encontramos quatro na biblioteca do Dr. Carrington, ou seja, cerca de 15%, mas o facto de trabalharmos com um pequeno número de livros faz com que os resultados estatísticos percam grande parte do seu significado.

Quando tentamos fazer um paralelismo entre as duas bibliotecas logo nos vem à memória o facto de que a elevada classificação (16 valores) que o Dr. Carrington obteve quando aluno da Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra, deverá ser necessariamente forte indicador de que não terá passado pela escola indiferente à sua biblioteca. Por isso não resistimos a

voltar a comparar as duas bibliotecas mas agora relativamente à listagem dos livros da área de Psicologia, que pertenceram ao Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade de Letras ¹⁷, que serviu de apoio aos alunos da Escola Normal Superior e foram também eles adquiridos até 1930, somando estes um total de 146 livros. Com o intuito de comparar as duas bibliotecas, fomos à procura destes livros na Biblioteca Carrington, e chegamos à seguinte comparação quantificada:

Dos 146 livros referidos, pertencentes ao Laboratório de Psicologia Experimental e que serviram para consulta dos alunos da ENSUC:

Foram encontrados na biblioteca Carrington 42 livros ¹⁸, correspondendo a 28,8%

Não foram encontrados na biblioteca Carrington 104 livros, correspondendo a 71,2%

Obtemos assim a seguinte expressão gráfica:



Se não é muito elevada em termos absolutos (29%), a percentagem de livros coincidentes nas duas bibliotecas, consideradas as circunstâncias, ela é muito significativa porque se refere a livros que foram adquiridos num período em que estava ainda a começar a carreira pedagógica do Dr. Carrington, alguns provavelmente quando ele era ainda aluno. Além de tudo o mais, trata-se quase sempre de edições antigas e de difícil aquisição posterior porque

quase todos eles são livros publicados no estrangeiro, sendo o seguinte o país de origem, dos 146 livros que servem de base nesta comparação: Dos 146 livros mencionados somente 17 foram editados em Portugal, sendo que os outros 129 são editados no estrangeiro e destes 104 são edições francesas¹⁹. Obtendo-se a seguinte expressão gráfica por edições:



A construção e análise deste gráfico referente à origem das edições dos livros de Psicologia que estiveram à disposição dos alunos da ENSUC poderá mais tarde permitir comparar com gráfico idêntico a construir para os livros referentes à mesma temática, na Biblioteca Carrington, quando estiver completa a catalogação temática dos mesmos, permitindo também aqui determinar o seu grau de semelhança, ainda que, desde já e numa primeira visão se note também nesta uma forte presença de livros em língua francesa.

No que se refere a este esforço de análise comparativa do conteúdo das duas bibliotecas, pensamos que os dados referidos e as considerações desde já avançadas poderão ser suficientes para, numa primeira análise, sustentarmos a hipótese que inicialmente formulamos, e que se orientou pela ideia de que o contacto com a biblioteca constituída pela ENSUC terá exercido uma influência inicial significativa no processo de constituição da biblioteca do Dr. Carrington da Costa. Mesmo assim não consideramos que tenha sido a única influência neste processo de constituição da sua biblioteca, porque ela terá surgido também como uma expressão da presença do mesmo espírito da Escola Nova, captado já antes da frequência do Curso na ENSUC quer provavelmente durante a sua estadia na Bélgica, quer por contactos com as

ideias de alguns autores portugueses representativos do espírito da Escola Nova. Não descuramos assim a possibilidade algo “romântica” de que a biblioteca de Ciências da Educação e Psicologia, nascida na Escola Normal Superior de Coimbra em 1915 e interrompida pelo Estado Novo em 1930, sempre avesso a enciclopedismos e estrangeirismos, tenha continuado discretamente em Braga, até 1964, em casa de um dos melhores “filhos” dessa Escola, através da manutenção do mesmo espírito pedagógico e científico.

E se até este momento nos debruçamos sobre o posicionamento intelectual do prof. Carrington e a constituição da sua biblioteca, iremos agora fazer uma muito breve recensão de três das suas publicações com mais pertinência para a análise das suas concepções dentro da temática da Sociologia da Educação e Administração Educacional.

Na primeira dessas obras, intitulada: *Será possível prever e avaliar a eficiência da função docente?*²⁰, o autor apresenta um conjunto de múltiplas escalas de avaliação da eficiência da função docente, muitas delas construídas por autores norte-americanos. O autor mantém uma atitude aberta e crítica em relação às escalas, fazendo até algum eco daqueles que defendem a impossibilidade de medir a eficácia da função docente, pela especificidade da mesma, podendo daí concluir-se que não parte de uma perspectiva puramente instrumental e taylorista da avaliação do trabalho docente, mas de uma atitude intelectual e problematizadora relativamente a esta temática.

A importância deste instrumento de análise que são as escalas destinar-se-ia na sua aplicação em Portugal, a fazer a avaliação dos estágios pedagógicos e a orientar a formação de professores no nosso país, tal como se desvenda no último parágrafo desta obra, onde cita Oliveira Guimarães, antigo professor da ENSUC ²¹.

“Ora já é tempo de, como opina o Prof. Doutor Oliveira Guimarães, que entre nós se comece a pensar na forma de organizar-se mais cientificamente o estágio e a apreciação dos futuros professores” ²².

Este extracto demonstra que o autor realiza este trabalho por acreditar ser

possível melhorar a selecção e orientação profissional dos professores e a sua formação.

Este livro publicado em 1945, vem pois trazer uma nova visão sobre a própria função docente e aquilo que a sociedade deverá esperar dela, traçando um perfil do professor e da relação pedagógica algo distanciada das concepções dominantes do “Estado Novo”. Numa época em que oficialmente o professor era “avaliado” institucionalmente pela sua fidelidade ideológica e obediência de funcionário, fundamentada numa conformidade legalista e administrativista, estas escalas trazem uma avaliação baseada em outros critérios, que se pretendiam mais racionais. Ou seja, nas concepções que se defendiam e ensinavam nos EUA, por esta altura, que eram as da análise de trabalho, com inspiração na escola clássica da administração, com especial incidência no modelo tayloriano. Carrington da Costa suavizava estas perspectivas com a tradição portuguesa de crítica do taylorismo. Crítica essa que depois estruturou, com base nos seus conhecimentos sobre a “Escola das Relações Humanas”, na administração e no trabalho, perspectiva cuja evolução ele seguiu de perto, como o provam a presença na sua biblioteca, das obras de Elton Mayo, e de outros autores que dentro desta corrente defendem as relações humanas no trabalho, criticando as tendências tecnocráticas e defendendo a valorização da importância do “factor humano”, em detrimento do absolutismo do “factor máquina”. E deste modo, embora algumas das escalas transcritas e às quais se dá mais relevância neste livro, sejam enquadráveis no movimento da escola clássica da organização científica do trabalho, que apresenta como objectivo superior a máxima rentabilidade através dos princípios da eficácia e eficiência, com uma concepção mecanicista do trabalho ²³, pelos motivos acima apontados elas fazem uma ruptura com o clima vigente na forma de entender o trabalho, e neste caso particular, o trabalho docente. Também neste estudo está patente o perfil de Carrington da Costa como psicólogo, para tanto, atenda-se a que os vectores mais analisados e valorizados nesta escala são indicadores do perfil psicológico e da personalidade do professor, sendo valorizados todos os vectores da personalidade que contribuem para uma relação pedagógica equilibrada e enriquecedora ao nível do ensino e das relações humanas. Do mesmo modo, as concepções de aluno subjacentes a esta escala de atitudes são as mais conformes às da pedagogia da Escola

Nova, sendo bastante evidentes os princípios do “pedocentrismo” (o perfil desejado orienta-se para a satisfação das necessidades do aluno) e da “escola activa”, correntes que Carrington da Costa acompanhou de perto como facilmente concluímos, analisando a selecção dos livros que integram a sua biblioteca.

Note-se que este trabalho, tal como o próximo do mesmo autor a ser aqui brevemente comentado, foram publicados no âmbito do “Instituto de Orientação Profissional”, instituição que divulgou em Portugal as ideias da “Organização Científica do Trabalho”, através da publicação de trabalhos como estes que estamos a analisar, e outros como foram, nomeadamente, o livro de João Camoesas, *O Trabalho Humano* ²⁴, texto onde se adopta a organização racional do trabalho mas numa perspectiva mais humanista que a tayloriana, porque preocupada com as necessidades do trabalhador, e com o estudo das questões da fadiga e higiene no trabalho, obra essa que Carrington juntou à sua biblioteca, fazendo ele também divulgação em Portugal desse projecto racionalizador do trabalho ²⁵.

O segundo trabalho deste autor a ser aqui brevemente comentado intitula-se: *Subsídios Para a História do Movimento da Orientação Profissional. Sua introdução no Nosso País* ²⁶. Trata-se de um livro que se enquadra numa corrente a que na época se chamava “Psicotecnia” e que se orientava para um estudo psico-social do mundo do trabalho e da técnica. Nesta publicação, o autor começa por fazer um estudo de evolução histórica da Formação Profissional em Portugal, desde as corporações dos mestres da Idade Média. Seguidamente, discute em termos teóricos e baseado no desenvolvimento da Psicotecnia as questões da orientação profissional, especialmente a orientação para o prosseguimento dos estudos por parte dos estudantes, segundo a sua motivação psicológica e vocacional, a ser determinada por testes psicológicos (Orientação Educacional). Relativamente à aprendizagem das profissões (Formação Profissional) e à Orientação Vocacional, discute essencialmente os conceitos teóricos de “conhecimento inato” e “conhecimento adquirido” e as noções de “vocação” e “aptidão”. A análise destes conceitos é feita nas suas várias acepções, dando especial relevo às concepções mais científicas, baseadas no avanço dos estudos da época na área da Psicotecnia e dos testes, fazendo também uma apreciação histórica

e científica do desenvolvimento da metodologia dos testes em Psicologia e especialmente na área da Psicotecnia e Orientação Profissional.

O autor leva sempre em conta que a Orientação Profissional por métodos científicos há-de conduzir a uma maior racionalização e eficácia do trabalho, bem como um maior grau de satisfação profissional do trabalhador e de orientação do ensino para a produtividade e o mundo do trabalho.

O terceiro e último livro de que iremos aqui fazer uma breve análise é o intitulado: *Bosquejo Histórico e Valor da Orientação Profissional e Educacional Como Factores de Ajustamento do Indivíduo ao Meio Social*²⁷. Neste seu trabalho, o autor começa por rejeitar as concepções tradicionais sobre a selecção profissional:

“O que a selecção tem de brutal e até mesmo de desumano, é hoje reconhecido no sistema de Taylor, ou taylorismo, até pelos próprios americanos. A este sistema que designam por «Scientific Management», contrapõem o «Personnel Management», que, como o nome indica, tem sobretudo em linha de conta o factor humano”²⁸.

Estas ideias são acompanhadas de uma orientação direccionada para a integração e harmonia da sociedade:

“[...] termino dizendo, que com o presente trabalho procurei mostrar não só a vantagens e a premente necessidade do funcionamento de serviços de O. P. [orientação profissional], e a criação de serviços de O. E. [orientação educacional], como também me esforcei por evidenciar o que representa para o indivíduo e para a sociedade uma boa orientação que procure ajustá-lo, quando criança, ao meio escolar, e, quando já homem, ao meio social”²⁹.

Faz assim uma distinção entre “Orientação Profissional” e “Seleção Profissional”: a primeira tem como objectivo dar orientação às pessoas, indicando-lhes qual a actividade para a qual estas têm mais aptidão, e a segunda destina-se a seleccionar os trabalhadores indicando quais os mais aptos para cada tarefa ou profissão. O autor demarca-se das perspectivas de selecção profissional capazes de produzir fenómenos de exclusão social, defende uma

selecção onde exista lugar para todos, assumindo uma posição mais humanista, onde mesmo os deficientes possam ser seleccionados para as tarefas para as quais tenham mais aptidão.

Neste livro torna-se claro o conceito de "Orientação Educacional", tratando-se aqui não ainda de orientar para uma profissão, mas de orientar os estudantes nos estudos também conforme as suas aptidões. É neste contexto da "Orientação Educacional", que o autor avança com uma ideia pela qual muito lutou, e que foi a defesa da existência nas escolas do psicólogo escolar, como orientador educacional.

Conclusão

Ao longo deste texto, vimos como Carrington da Costa fez um percurso intelectual curioso: iniciando (ou desenvolvendo) os seus estudos pedagógicos numa das mais avançadas escolas para a formação de professores em Portugal no período republicano, que foi a Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra, assistiu à implantação do Estado Novo salazarista e ao triunfo político ao nível da administração central do ensino, de concepções e práticas educativas com fortes repercussões que puseram em causa a tradição pedagógica do republicanismo e da Escola Nova, e que conduziram inclusivamente ao encerramento da escola onde ele fez a sua formação inicial, e onde foi aluno distinto.

Não se lhe conhece qualquer envolvimento directo com a teoria educativa típica do Estado Novo, e manteve a sua ideia maximalista e até poderíamos dizer enciclopédica da educação. Apesar destes factos, a consciência do seu recatamento e o reconhecimento do seu valor, foram sentimentos correntes entre os seus contemporâneos ³⁰, e tudo indica que se sentiu bem entre as crianças e os adolescentes que foram seus alunos, como se vai provando pela amizade que lhe prestaram e pela saudade com que hoje o respeitam ³¹.

Carrington da Costa, seguindo no espírito da escola que o formou, foi desde o início constituindo uma biblioteca baseada nos mesmos pressupostos e

inspirada nos mesmos objectivos da que tinha sido constituída por essa escola no tempo que durou a sua curta existência, e que como no caso dela só se poderia constituir através da compra de obras estrangeiras.

Os livros que lia e adquiria foram mantendo nele essa necessidade de abertura intelectual e de investigação empírica que ele desenvolveu nessa época como poucos outros, nomeadamente ao nível da psicologia experimental. Mantendo-se algo à margem da *pedagogia oficiosa*³² do Estado Novo e das suas instituições, ia mantendo uma postura crítica, não desistindo nunca de lutar intelectualmente e de forma pública por aquilo em que acreditava, e refira-se aqui o seu empenho na ideia da necessidade de estabelecer os psicólogos escolares e a Orientação Educacional, assim como a sua defesa de uma racionalização do trabalho entendida sob o prisma do humanismo e da justiça social, nomeadamente elegendo como valor mais alto, o *factor humano*, elemento central da corrente das Relações Humanas no trabalho.

Assim, Rui Carrington da Costa foi realizando um percurso de auto-formação algo desligado dos poderes e dos saberes oficiais mas sempre sem perder a bonomia que lhe atribuem todos os que o conheceram. Aqueles que, como o autor destas linhas, não tiveram a oportunidade do seu convívio, poderão sempre consultar os seus trabalhos e a sua biblioteca (integrada na Biblioteca Pública de Braga/Universidade do Minho), meios privilegiados que nos deixou para reforçar no futuro o espírito de abertura e de investigação, de que foi digno representante.

Notas

¹ Deve no entanto notar-se que a sua frequência deste curso ocorre quando já “Homem feito, pai de filhos e profissional, regressado da Guiné [...]” (Justino de Magalhães, “Carrington da Costa, Professor e Pedagogo” in *Rui Carrington da Costa: Democrata e Pedagogo*, Escola Secundária de Sá de Miranda, Braga, Câmara Municipal de Braga, 1996, 122-131, p. 124). Sabemos também que ainda antes da sua ida para a Guiné esteve na Bélgica presumivelmente “dois ou três anos” com o objectivo de “prosseguir estudos” (Delmiro Braga Moreira, “O Tio Rui Carrington” in *Rui Carrington da Costa: Democrata e Pedagogo*, Escola Secundária de Sá de Miranda, Braga, Câmara Municipal de Braga, 1996, 24-29, p. 24).

² A designação conceptual de “Administração Educacional”, tem vindo a ser eleita como a mais adequada para abranger toda a tradição do ensino da Administração Escolar, podendo mesmo abarcar o conjunto das disciplinas que na formação de professores em Portugal, antes do 25 de Abril, embora pretendendo abordar o campo dos estudos administrativos da escola, o faziam ainda com base numa nítida insuficiência teórica e ausência de debate epistemológico, acabando por privilegiar as dimensões do estudo da “Legislação Escolar” (V. Licínio Lima, “O Ensino e a Investigação em Administração Educacional em Portugal: Situação e Perspectivas”, in *Ciências da Educação em Portugal. Situação Actual e Perspectivas*, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Porto, 1991, 91-117).

³ Rafael de Barros Soeiro, “Doutor Rui Carrington da Costa – O Homem e o Pedagogo”, in *Medalhões – Figuras de Braga ou que por ela passaram*, 2.ª Série, Braga, Ed. Delegação Bracarense da S. H. I. P., 1978, 27-36, p. 27.

⁴ Rafael de Barros Soeiro, *Por uma Pedagogia Nacional*, Braga, Livraria Cruz, 1964, p. 13.

⁵ Idem, p. 14.

⁶ *Id. Ibid.*

⁷ Perante a questão da abertura ou não às ideias do estrangeiro, e a sua alternância histórica como pensamento dominante nas diferentes conjunturas sócio-políticas, António Nóvoa tem uma posição bem definida, que sintetiza do seguinte modo: “Hoje em dia impõe-se como uma evidência que os momentos de maior qualidade educativa do sistema educativo português coincidiram com fases de abertura política, interna e externa. A inovação educacional só se pode realizar através de uma intensa troca de ideias e reflexos sobre um fundo comum de experiências partilhadas.” (António Nóvoa, “A ‘Educação Nacional’”, in *Nova História de Portugal – Vol. XII: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Lisboa, Presença, 1992, 455-519, p. 519).

⁸ Rafael de Barros Soeiro, *Da Capacidade Pedagógica para o Magistério Primário*, Braga, Livraria Cruz, 1954, p. 17. Citamos um exemplar que pertenceu ao Dr. Carrington, tendo-lhe sido oferecido pelo autor, com dedicatória, e que se encontra na Biblioteca Pública de Braga/Universidade do Minho. O parágrafo que acabamos de citar, tal como outros deste livro, está anotado com sublinhados e pontos de interrogação colocados à margem do texto. Existem fortes possibilidades, embora difíceis de comprovar, de que estas anotações tenham sido grafadas pelo punho do próprio Carrington da Costa.

⁹ Como fonte de consulta para esta informação, e outras que apresentaremos posteriormen-

te, relativas à ENSUC, seguimos: Joaquim Ferreira Gomes, *A Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra – (1911-1930)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1989.

¹⁰ Cf. António Nóvoa, “Os Professores: Quem São? Donde Vêm? Para Onde Vão?”, in *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa – Uma Abordagem Pluridisciplinar*, Stephen R. Stoer (Org.), Porto, Edições Afrontamento, 1991, 59-130, p. 107.

¹¹ Cf. Joaquim Ferreira Gomes, *op. cit.*, pp. 333-334.

¹² Rui Carrington da Costa, “Método Heurístico”, in *Arquivo Pedagógico*, Vol. IV, N.º 1 a 4, Março a Dezembro 1930, 69-86.

¹³ João Evangelista Loureiro, *À Procura de Uma Pedagogia Humanista*, António Nóvoa (Org.), INIC 1990, pp. 140-141.

¹⁴ Esses livros que pertenceram à Biblioteca da Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra, encontram-se hoje na Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da mesma Universidade (Joaquim Ferreira Gomes, *op. cit.*, pp. 344-365).

¹⁵ Falamos de Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação, que viria posteriormente a exercer o cargo de Ministro da Instrução Pública de 23 de Outubro de 1934 até Janeiro de 1936.

¹⁶ Esta contabilização, assim como outras que se vão seguir relativas à Biblioteca do Dr. Carrington, não deverão ser entendidas como totalmente definitivas, até porque não está ainda concluído o processo de catalogação temática actualmente em curso.

¹⁷ Esta listagem encontra-se em, Joaquim Ferreira Gomes, *op. cit.*, pp. 360-365. Rigorosamente nem todos os livros desta listagem são directamente enquadráveis na Psicologia, uma vez que inclui livros enquadráveis noutras áreas, nomeadamente alguns escritos por autores de pendor sociológico como são Émile Durkheim e António Sérgio.

¹⁸ Foram incluídos neste grupo dos “encontrados”, os livros com igual título e autor, mesmo quando pertencendo a diferentes edições e até a traduções.

¹⁹ É destacada no gráfico a presença dos livros de origem francesa, porque não deixa de ser significativo que a sua representatividade ascenda a cerca de 71% da totalidade dos livros e 81% dos livros de edições não portuguesas.

²⁰ Rui Carrington da Costa, “Será possível prever e avaliar a eficiência da função docente?”, Separata do n.º 6 do *Boletim do Instituto de Orientação Profissional*, Lisboa, 1945.

²¹ José Joaquim de Oliveira Guimarães foi professor da ENSUC desde 1916, tendo leccionado a cadeira de Pedagogia a partir de 1924. Fez parte da comissão de redacção da revista *Arquivo Pedagógico*. (V. Joaquim Ferreira Gomes, *op. cit.*).

²² Rui Carrington da Costa, *op. cit.*, p. 107.

²³ Veja-se a este propósito a obra de Gareth Morgan, *Images of Organization*, Thousand Oaks, Sage Publications, 1986, nomeadamente na sua análise da metáfora da organização como máquina.

²⁴ João Camoesas, *O Trabalho Humano*, Lisboa, 1927.

²⁵ Para um estudo sobre o “Instituto de Orientação Profissional”, e a “elite cultural” que nas primeiras décadas do século XX estudou e tentou divulgar a racionalização e a “Organiza-

ção Científica do Trabalho”, deve consultar-se: Marinús Pires de Lima, “Notas para uma história da organização racional do trabalho em Portugal (1900-80) – alguns resultados preliminares de uma investigação em curso”, in *Análise Social*, vol. XVIII, n.ºs 72/73/74, 1982, 1299-1365.

²⁶ Rui Carrington da Costa, “Subsídios Para a História do Movimento da Orientação Profissional. Sua Introdução no Nosso País”, Lisboa, Separata do n.º 7 do *Boletim de Orientação Profissional*, 1946.

²⁷ Rui Carrington da Costa, “Bosquejo Histórico e Valor da Orientação Profissional e Educacional Como Factores de Ajustamento do Indivíduo ao Meio Social”, Conferência proferida na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, em Junho de 1959. Sep. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo XVI, fasc. 3. Braga, Faculdade de Filosofia, 1960.

²⁸ *Idem*, p. 17.

²⁹ *Idem*, p. 29.

³⁰ Isto mesmo se expressa no seguinte texto: “Pena é que professor tão distinto, neste sector tão fecundo da Pedagogia, se veja obrigado por «**struggle for life**» a dispersar o seu magnífico talento, em lições de desenho a adolescentes do Liceu, quando o seu lugar devia estar, numa Faculdade de Letras, a reger cadeiras mais propícias ao seu espírito de rara intuição educacional, servido por erudição extraordinária e inteligência viva.

Lucraria ele que, mais longe, levaria o facho luminoso da investigação psíquica, e ganharia, sobretudo, a Pátria, que como todos nós, exumaria de tão preciosa mina, mais elementos culturais em prol da ciência.

Que belas lições não poderiam receber os pioneiros da educação, com um professor como Carrington da Costa, através da sua cultura, da lhanza do seu trato, da originalidade dos seus processos de trabalho! Enfim, é a triste sina dos grandes homens que, como Leonardo Coimbra, um dos maiores cérebros filosóficos que Portugal jamais teve, se viu, durante muitos anos, a ensinar matemática aos meninos do liceu...” (Rafael de Barros Soeiro, “Doutor Rui Carrington da Costa – O homem e o pedagogo”, in *Medalhões – Figuras de Braga ou Que por ela Passaram*, 2.ª Série, Braga, Ed. Delegação Bracarense da S. H. I. P., 1978, 27-36, p. 34). Um diversificado conjunto de outros testemunhos pode ser encontrado no livro: *Rui Carrington da Costa: Democrata e Pedagogo*, Escola Secundária de Sá de Miranda, Braga, Câmara Municipal de Braga, 1996.

³¹ Tomámos novamente contacto com esta realidade, ao entrevistar recentemente Silvério Martins Caridade, professor actualmente aposentado que leccionou “Didáctica Especial” e “Legislação e Administração Escolares” na Escola do Magistério Primário de Braga durante as décadas de 60 e 70, e que ao ser questionado sobre o Dr. Carrington e as memórias que dele conservava, nos testemunhou o seguinte: “Era um homem extraordinário, daqueles que só aparece um em cada século. Andava sempre com alunos debaixo do braço, e era conhecido por ir de pé a ler no eléctrico. Era extraordinariamente bondoso e simpático. Sempre bem disposto. Fazia testes de QI aos jovens. [...] Conheci pessoalmente o Senhor Dr. Carrington da Costa. Julgo que a primeira vez que o vi foi nos finais da década de trinta, quando ele foi ao Seminário Menor (de N. S.ª da Conceição, vulgo, da Tamanca) para fazer testes de desenvolvimento psíquico aos alunos dos primeiros anos. Propunha-nos ele, então: ‘faizei de conta que estais a ver no ar um indivíduo a descer de pára-quadras. Desenhai-o no papel’. ‘Agora ides desenhar noutra papel um automóvel que vem de frente na vossa direcção.’ E outras coisas que não me recordo. Era uma pessoa culta, muito

estimada na sociedade e muito falada na Escola do Magistério, devido às suas pesquisas no campo da Psicologia aplicada à educação.”

³² Entendemos por pedagogia oficiosa do Estado Novo, o conjunto de ideias sobre a educação que embora nunca tenham assumido um carácter claramente formal ou oficial, transpareciam de forma mais ou menos latente, dos discursos sobre educação, dos programas e manuais escolares, dos normativos legais, e de todos aqueles meios que transmitiam ou interpretavam a vontade do poder instituído.

Referências

Arquivo Pedagógico: Boletim da Escola Normal Superior de Coimbra, Coimbra, Mar. 1927-Dez. 1930.

Camoesas, João. *O Trabalho Humano*. Lisboa, 1927.

Costa, Rui Carrington da. “Método Heurístico”, in *Arquivo Pedagógico*. Vol. IV, N.º 1 a 4, Março a Dezembro 1930, 69-86.

Costa, Rui Carrington da. “Será possível predizer e avaliar a eficiência da função docente?”, Separata do n.º 6 do *Boletim do Instituto de Orientação Profissional*. Lisboa, 1945.

Costa, Rui Carrington da. “Subsídios Para a História do Movimento da Orientação Profissional. Sua Introdução no Nosso País”, Separata do n.º 7 do *Boletim de Orientação Profissional*. Lisboa, 1946.

Costa, Rui Carrington da. “Bosquejo Histórico e Valor da Orientação Profissional e Educacional Como Factores de Ajustamento do Indivíduo ao Meio Social”, Conferência proferida na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, em Junho de 1959. Sep. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Tomo XVI, fasc. 3. Faculdade de Filosofia, Braga, 1960.

Escola Secundária de Sá de Miranda. *Rui Carrington da Costa: Democrata e Pedagogo*. Braga, Câmara Municipal de Braga, 1996.

Gomes, Joaquim Ferreira. *A Escola Superior Normal da Universidade de Coimbra – (1911-1930)*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1989.

Lima, Licínio C. “O Ensino e a Investigação em Administração Educacional em

- Portugal: Situação e Perspectivas", in *Ciências da Educação em Portugal. Situação Actual e Perspectivas*. Porto, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991, 91-117.
- Lima, Marinús Pires de. "Notas para uma história da organização racional do trabalho em Portugal (1900-80) – alguns resultados preliminares de uma investigação em curso", in *Análise Social*. vol. XVIII, n.ºs 72/73/74, 1982, 1299-1365.
- Loureiro, João Evangelista. *À Procura de Uma Pedagogia Humanista*. António Nóvoa (Org.), INIC, 1990.
- Magalhães, Justino de. "Carrington da Costa, Professor e Pedagogo" in *Rui Carrington da Costa: Democrata e Pedagogo*. Escola Secundária de Sá de Miranda, Braga, Câmara Municipal de Braga, 1996, 122-131.
- Moreira, Delmiro Braga. "O Tio Rui Carrington" in *Rui Carrington da Costa: Democrata e Pedagogo*. Escola Secundária de Sá de Miranda, Braga, Câmara Municipal de Braga, 1996, 24-29.
- Morgan, Gareth. *Images of Organization*. Thousand Oaks, Sage Publications, 1986.
- Nóvoa, António. "Os Professores: Quem São? Onde Vêm? Para Onde Vão?", in *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa – Uma Abordagem Pluridisciplinar*. Stephen R. Stoer (Org.), Porto, Edições Afrontamento, 1991, 59-130.
- Nóvoa, António. "A 'Educação Nacional'", in *Nova História de Portugal – Vol. XII: Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa, Presença, 1992, 455-519.
- Soeiro, Rafael de Barros. *Da Capacidade Pedagógica Para o Magistério Primário Elementar*. Braga, Livraria Cruz, 1954.
- Soeiro, Rafael de Barros. *Por Uma Pedagogia Nacional*. Braga, Livraria Cruz, 1964.
- Soeiro, Rafael de Barros. "Doutor Rui Carrington da Costa – O Homem e o Pedagogo", in *Medalhões – Figuras de Braga ou que por ela passaram*. 2.ª Série, Braga, Ed. Delegação Bracarense da S. H. I. P., 1978, 27-36.